

UMA ATRAÇÃO POR SÃO PAULO: SENSIBILIDADE, (I)MIGRAÇÃO, “LEMBRANÇAS E NADA MAIS”

VILARIN BARBOSA BARROS*

O fragmento da fala destacada no título deste capítulo foi evocado por Margor-Marly¹, referindo-se a uma música e um amor, em entrevista que nos concedeu em sua casa no distrito de Custódio² em Quixadá-Ce, no dia 13 de junho de 2009. Era um dia chuvoso e saudosos, em que nossa entrevistada se deparava com dezenas de cartas organizadas cronologicamente por nós, e que pontuavam um pouco do seu passado. Aliás, as cartas falavam de pessoas amadas, de amores e talvez mesmo, de um pretérito adormecido, aflorado por pedaços de momentos registrados em papéis, selecionados e que tinham sido por décadas, guardados por Margor-Marly.

Para abordar nosso objeto e entendermos os processos em que se estabeleceram as relações que estudamos pelas representações, privilegiamos neste artigo parte da trajetória de vida de Margor-Marly, principalmente, o momento em que ela, possivelmente, sente “uma atração por São Paulo”³. Ela, quixadaense, filha de agricultores, de uma família de nove irmãos, mãe de família, outrora mãe solteira, hoje casada há 29 anos, com três filhos e sendo avó, estando com seus 58 anos de vida, nos conta suas experiências como migrante⁴ e diz que transitou entre meados de 1970-1980 “sete vezes mais ou menos”, nos caminhos de Quixadá-Ce a São Paulo. Ela vive em sua

* Mestrando em História e Culturas pela Universidade Estadual do Ceará; Bolsista FUNCAP (Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico). E-mail: vilarinbarros@yahoo.com.br

¹ Nome fictício. Mediante um acordo que firmamos com Margor-Marly, todos os nomes contidos nas correspondências que ela doou graciosamente para nossa pesquisa serão mantidos em sigilo para que possamos preservar as identidades dos sujeitos. Assim, esse acordo também valerá para a Margor-Marly.

² Custódio, distrito do município de Quixadá com população estimada, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, de 4.037 habitantes. Quixadá: município localizado no sertão central cearense com população estimada de 85.000 habitantes, segundo o último relatório do IBGE.

³ Aqui não entendemos que os fatores de atração de uma (i)migração se deem apenas por questões de ordem econômicas. A análise de correspondências poderá nos mostrar facetas de um sensível que envolvem e, talvez mesmo, impulsiona uma (i)migração.

⁴ Todas as informações sobre “Margor- Marly” referem-se às épocas evocadas por ela, quando a entrevistamos em sua casa, no Distrito de Custódio. As entrevistas foram concedidas nos dias 10, 11 de Abril e 13 de Junho de 2009, sendo realizadas pelo autor.

terra natal desde Junho de 1986 e mora em Quixadá, especificamente, no pequeno Distrito de Custódio.

Temos, é verdade, as representações do cotidiano dos migrantes quixadaenses sobre São Paulo como objeto e entrevistamos treze pessoas para o desenvolvimento inicial do trabalho: nove homens e quatro mulheres. Objetivamos pensar uma atração por São Paulo e, mais: quais suas motivações? De que forma pensá-las pelas representações?

Primeiramente, por representação, conceito tão caro à História Cultural, entendemos que ela:

Assinala uma relação ambivalente e ambígua entre ausência e presença. Ambivalente porque a representação é tanto exposição e presença quanto ausência e referência a um outro distante. É, pois, ser e não ser, ou, no limite, é ser ela mesma e ser um outro. (PESAVENTO, 2007: 3)

Podemos dizer também, grosso modo, que a História Cultural aqui adotada como perspectiva visa “decifrar a realidade do passado por meio de suas representações” (PESAVENTO, 2003: 42), tentando com isso entender um outrora, uma “alteridade” que se distingue do presente e mais, parece se constituir enquanto reduto de sensibilidades.

Escolhemos Margor-Marly que como migrante, de forma semelhante aos demais entrevistados, fez parte desse processo migratório e traz em sua narrativa sentidos possíveis que se aproximam dos ditos pelos demais quixadaenses. Privilegiamo-la também por termos sobre sua vida um cabedal de fontes, mais de quarenta correspondências e três entrevistas, por exemplo, e que podem nos ajudar a contar versões de uma migração, marcada, talvez mesmo impulsionada por uma história das sensibilidades. Assim, nos dedicaremos exclusivamente a trajetória de vida da Margor-Marly, que será reconectada ao “presente por meio de reconstruções sensíveis do passado” (LANGUE, 2006: 32), visando detectar a pluralidade sortida em uma vida que sinaliza tanto seus compromissos como as expressões de um momento. Vale ainda destacar que sua história não representa as dos demais, mas, ajuda a problematizá-las, nos levando inclusive a pensar nas motivações possíveis de uma migração.

Margor-Marly nos contou quando perguntada sobre as motivações de sua partida para São Paulo, pela primeira vez, que na verdade, foi “do nada”. Era o mês de Julho de 1976, ela tinha 25 anos e via sua conterrânea Graça, de férias, vinda de São

Paulo, em sua terra natal, então, a personagem principal de nossa trama nos disse que não hesitou no retorno de Graça à cidade paulista, partiu, foi embora acompanhada de sua amiga, e isso, ela decidiu “do nada”, pelo menos assim nos contou nossa entrevistada.

Hoje sabemos que não era exatamente “do nada” que ela queria nos dizer que foi para São Paulo, pois, teve todo um contexto, um conjunto de necessidades e experiências de vida que acumulou, que a fez enfrentar essa cidade. Isso inclui a necessidade de se mudar, respirar outros ares e voltar transformada. E ela acrescenta: “o papai me deu o dinheiro e eu fui embora. Passei um tempo lá em São Paulo, assim que eu cheguei me empreguei, aí voltei de novo. Foi na época que... quando eu cheguei aqui no Custódio eu era outra coisa... Bonita! Toda cheia de vida.”

Antes de emigrar deixando sua terra natal, Margor-Marly, namorou o Flávio⁵, viveu um romance, se apaixonou e engravidou; caindo numa rede de boatos do lugarejo em que vivera sua mocidade. Tornou-se mãe solteira, ganhou novas obrigações, mostrou-se polivalente em suas atividades, trabalhou numa maternidade donde depois saiu para se resguardar para os cuidados de seu filho recém-nascido, no ano de 1974. Depois da maternidade trabalhou como costureira numa fábrica em Quixadá. Acumulou conhecimentos, conquistou novos amores; o Paulino⁶, por exemplo, se mostrou saudoso por sua primeira carta, isso, já no ano de 1976...

Para sermos mais precisos: a missiva foi datada de onze de setembro do ano 1976. Paulino escreve para Margor-Marly, ele, morando em São Paulo, ela, tinha voltado a morar no Custódio, havia dois meses aproximadamente, depois de passar um tempo vivendo na cidade de Quixadá.

Se por um instante paginarmos nosso inventário, nos deparamos com fragmentos de uma história que antecede “uma atração por São Paulo”. Final de 1975,

⁵ Vale dizer que o Flávio **não emigrou para São Paulo** e sua história só aparece por se cruzar em algum momento com a trajetória de vida que privilegiamos neste texto que tem Margor-Marly como protagonista. Ela, na primeira metade dos anos 1970, em plena sua juventude, viveu um romance com o Flávio. Como fruto dessa relação gerou-se Flávio Júnior. Esse, na verdade, nunca chegou a conhecer seu pai que foi embora para Marabá, depois de transferências consecutivas que seu trabalho lhe propiciou.

⁶ Nome Fictício. Aqui, esse sujeito aparecerá com alguns detalhes a partir de indícios de 1976, quando o vemos cruzar os caminhos de Margor-Marly. Vale ainda dizer que apesar do Paulino ter emigrado para São Paulo e ser quixadaense, depois de sua partida **ele não voltou** a morar em sua terra natal. Ou seja, ele não faz o perfil dos entrevistados para essa pesquisa e só aparece em detrimento da história de Margor-Marly.

Margor-Marly recebe um cartão com felicitações para as festas: natalina e de *réveillon*, em nome da família e do dono da firma que ela passou a trabalhar no fim desse ano. Suas condições de empregada só seriam legalizadas do dia primeiro de abril a 31 de julho do ano 1976, quando pelas respectivas datas ela seria admitida e afastada da sua função de costureira⁷. Então, nesse tempo, depois que a firma faliu, ela voltou a morar no Custódio e a trabalhar de forma independente realizando cortes e costuras de roupas nesse distrito.

Antes mesmo de ser afastada da firma em 31 de julho do ano 1976 ela encontraria em sua casa o Paulino, vindo de férias de São Paulo para o Custódio; eles conversariam sobre um futuro possível, trocariam olhares carinhosos e elogios picantes, comprariam desejos de futuros amantes, que os ajudavam a acalorar aquele sábado de julho. Declarações e promessas galanteadoras não se fizeram ausentes no encontro desses dois, a atração amorosa daquele momento fez com que se flagrassem outras coisas, quem sabe; uma “aura” (BENJAMIN, 1996) envolvente que talvez se codifique nessa carta do dia onze de setembro do ano 1976:

Querida [Margor] Uns abraços e beijos para você neste dia de sábado de tanto frio aqui em São Paulo... Estes sábados que para mim é aniversário de nossa felicidade daquela festa em nossa casa. Aquele dia mim deixou muitas lembranças mas em primeiro lugar é você (...) não tinha idéia que você gostasse de mim antes de minha viagem pela primeira vez. Mas o fascínio desta última me arrebatou e dominou inteiramente.

Um momento “aurático” (BENJAMIN, 1996), assim pode ser visto o que é lembrado e narrado pelo missivista. Semelhante o especificado por Walter Benjamin, entendemos por aura um fenômeno admirável, único, um instantâneo, uma figura composta por toda uma singularidade de “elementos espaciais e temporais: a aparição única de uma coisa distante, por mais perto que ela esteja” (BENJAMIN, 1996: 170). É dessa forma que compreendemos um pouco do momento vivido pelo Paulino e Margor-Marly em julho de 1976, marcado por esse singular, por uma aura.

Na carta supracitada o Paulino fala de forma saudosa de seu encontro com Margor-Marly. E, do dia que está datada a carta, pelas informações que constam dos missivistas, sendo enviada de São Paulo para o Custódio ela demoraria um pouco

⁷ Conforme consta em um documento que autoriza o saque do seu FGTS (Fundo de garantia do tempo de serviço).

menos de uma semana para chegar ao seu destino. A destinatária receberia a correspondência no dia dezessete de setembro de 1976, aproximadamente; a menos de um mês do Flávio Júnior completar dois anos de nascimento. O aniversário do filho da Margor-Marly se daria em 15 de outubro, numa sexta-feira, coincidindo, exatamente, com o recebimento da autorização para sacar o dinheiro do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço que Margor-Marly tinha realizado na empresa de nome fiscal: Francisco José de Lemos Neto. A “firma do Chicutinho”, nas palavras da entrevistada.

Sobre a carta do Paulino, de onze de setembro do ano 1976, entre outras coisas, ele mandava beijos e abraços para Margor-Marly, sentia-se com um frio no corpo, estava saudoso, solitário na grande cidade de São Paulo e desejando em breve reencontrá-la. Consigo, portava também algumas lembranças de um encontro.

Depois que falou do sábado frio donde se encontrava, daria ainda para ter acrescentado em sua descrição:

Estou muito longe de ti e no entanto, vendo da minha janela as luzes da grande cidade, uma saudade louca da luz dos teus olhos impele-me a escrever-te estas linhas (...) Aqui tudo é imenso, meu bem. Imenso em relação a nossa pequena cidade, em que tôdas as coisas são um pouco nossas, de tão familiares que nos parece. (MARIA, 1965: 55)

Por sua carta, bem que ele poderia ter floreado mais, e pinçado algumas de suas lembranças dizendo: “na bruma da recordação, via-te radiante com aquêlê aspecto de menina carinhosa, cativante e irresistível, de olhos brilhantes, com a graça espontânea que te faz tão atraente” (MARIA, 1965: 40); conforme modelos de cartas de amor que eram possíveis de serem utilizados nos anos 1970⁸.

Mas, depois da breve descrição sobre o clima que sentia naquela noite de sábado numa cidade grande, ele, num momento bem distinto do teor saudoso do restante da carta, redige algo que hoje para nós é uma incógnita: “não sei se meus olhares ti revelaram alguma coisa mais eu estava pedindo desculpas e rependido [arrependido] por um erro que não cometi. Por toda a minha vida” (11 Set. 1976). Em seguida, ele fala que as virtudes de Margor-Marly valem tanto quanto a beleza dela, e continua sua

⁸ Como possibilidade da utilização desses manuais, por exemplo, quando recebemos de Margor-Marly uma sacola contendo, entre outras coisas, mais de 40 cartas datadas de 1972 a 1981 enviadas a sua pessoa, que, aliás, ela nos doou para a pesquisa, encontramos também uma folha de um livro intitulado: “Modelos de cartas de amor: mais de 150 modelos para noivos e namorados”. Assim, imaginamos a utilização desses manuais pelos contemporâneos de Margor-Marly nos anos 1970.

argumentação: mas, não tinha ideia antes de sua primeira viagem para o Ceará do quanto ela gostava dele.

Ora, atentemos para a lógica que ele segue em sua escrita: fala de onde e como está, das lembranças de um outro momento e lugar e, antes de mencionar as virtudes e belezas dela, trata dos sentimentos que tentou expressar por seus olhares, em julho de 1976, quando pedia desculpas por um erro que nunca cometera, e conclui o momento com uma idéia de contraposição, deixando transparecer que seus olhares pasmos sobre ela valiam-se de se explicar que não sabia o quanto que ela gostava dele quando paqueravam em Quixadá, antes dele emigrar.

Estaria ele pela escrita deixando indícios para nós, de uma sensibilidade marcante nos anos 1970, em que Margor-Marly recebia olhares que se expressavam como “digno de pena”, um pedido de desculpas, por suas condições: cuidando de um filho que tinha um ano e nove meses e solteira, por exemplo, quando encontrou o Paulino em sua casa, e que despertava ainda como disse o missivista, um sentimento de culpa por um erro que não cometera por toda uma vida. A que erro, pois, ele se referia? Não sabemos, de fato.

A questão é que ele aproveitou o momento da escrita para deixar transparecer olhares de lamentos, para falar de supostos empecilhos, e dizer que esperava que houvesse “uns dias” para eles viverem um romance. Todavia, para isso acontecer, aguardava a resposta de seu escrito “para ter a sua certeza, (acredite)... Esta carta é um impulso do meu coração, que por mais tempo não pode esconder o sentimento que o inflama”. (11 Set. 1976). De forma cuidadosa, conclui a carta: “Finalmente permita-me mais um beijinho tá!”.

Nessa mesma carta de setembro de 1976, em que o Paulino fala de seus desejos no futuro e aguarda uma resposta de Margor-Marly, dizendo também sobre a escrita impulsionada pelo coração, ele trata de algo que poderia impedir que os dois tivessem momentos vividos somente para eles. E, assim ele escreve: “Sei que existe um outro homem em sua vida, mas (...)”; talvez ele não soubesse que esse outro já não andava tão próximo assim de Margor-Marly desde, pelo menos, a sua ida de férias a Quixadá. Vejamos um trecho da carta do provável “outro homem”:

Querida mais uma vez eu te pergunto será que você não gosta mesmo de mim será que eu nasci para ama você e você não miama quírida eu gostaria que você aceitasse eu ir na sua casa domingo para nos fala mais avontade para eu fala tudo aquilo que eu sinto por você. Quírida vou termina para

*you do not stay with more anger of me Remember of me already that you do not miss
miama (07 Jul. 1976)*

Assim, diante de um contexto que se configurava: uma relação que findava com esse “outro homem”; depois do aniversário de seu filho; com o dinheiro que recebeu do FGTS mais uma ajuda de seus familiares que, inclusive, ficariam cuidando do Flávio Júnior; com a possibilidade de ir embora estando na companhia da Graça que estava de férias e já tinha experiência, aliás, trabalhando como costureira em São Paulo; desejando mudar de vida e tendo o Paulino a sua espera ela foi-se embora “do nada”, como nos falou. Assim, diante de tal conjuntura favorável é que “do nada”, ou seja, sem se programar para viajar, entendemos que ela vai para São Paulo. Então, acompanhada da Graça, deixou seu Estado pela primeira vez na segunda quinzena de outubro do ano 1976, e, no lugar que se destinava, viveria um romance com o Paulino.

O fato é que, nessa história, chamam-nos a atenção também as entrevistas que realizamos com Margor-Marly, pois nelas há uma “sucessão de etapas na memória que é toda dividida por marcos” (BOSI, 1994: 415) e, isso pode ser observado quando vemos no decorrer de sua narrativa pontos de significação, representados pelos amores de sua vida, em algo que mais parecia um mapa da memória sobre seu emigrar; percebido, seja quando tratávamos dos antecedentes de uma migração – ela falando sobre o Flávio e o filho – ou mesmo, quando falávamos de uma atração por São Paulo e surgia o Paulino.

As etapas e os marcos na memória de Margor-Marly ficaram ainda mais em evidência quando no andamento das entrevistas líamos os papéis, datas, as cartas e nelas, certas palavras que sinalizavam o teor das relações, as vezes mesmo pontuava o início de uma trajetória amorosa com um dos missivistas.

Já no que diz respeito, especificamente, ao romance que ela viveria ao partir de seu Estado, com o Paulino, encontramos, depois da saudosa carta do dia onze de setembro de 1976, um pequeno bilhete datado do dia dezoito de fevereiro de 1977, escrito em São Paulo e assinado por Paulino que dizia: “À [Margor-Marly] Meu bem, esperei você as 6, hs na fabrica mas você não saio, vou com saudades de você. Quarta feira estarei para você (...)”.

Margor-Marly, a pouco mais de quatro meses em São Paulo, já estava trabalhando como costureira, e quando possível, se encontrando com seu novo amado. Ele, bem menos sutil do que na carta de setembro de 1976, onde pedia permissão para

deixar mais “um beijinho”, pelo bilhete marca um próximo encontro entre ele e ela, na quarta-feira, e diz: “espero que cumpra com a promessa que mim fez” (18 Fev. 1977). Depois se despede por esse escrito dizendo: “Felicidades. Seu [Paulino]”.

Logo após esse mesmo bilhete ser lido, na entrevista que realizamos com Margor-Marly no dia treze de junho de 2009, ela reagiu dizendo: “meu mesmo, ainda continua!”. Em entrevista ela ainda faz algumas considerações sobre o Paulino: “Uma excelente pessoa. Até... assim, como homem, de todos foi o que me acolheu melhor foi ele que me dava tudo nas minhas mãos. Tinha um maior respeito por mim, um maior carinho, era ele”.

Ela destaca algumas virtudes da relação com o Paulino dizendo que ele a acolheu melhor, tinha respeito por sua pessoa, carinho e dava de tudo que ela precisava. As declarações feitas à pessoa dele se remetem a um marco na vida dela, época em que se mudou para São Paulo e antecede o período em que voltou pela primeira vez a Quixadá e veio cheia de vida; como já especificou em entrevista. Em alguns momentos, esse tempo também coincide com a data das missivas que lemos, como por exemplo, o bilhete do dia dezoito de fevereiro de 1977. Ou seja, esse tempo recordado que desperta na entrevistada um outrora, levando-a a fazer declarações, a dizer, inclusive, que o Paulino continua sendo dela até hoje.

Roland Barthes nos ajuda a pensar o momento recordado por Margor-Marly quando explica que em uma trajetória amorosa parece ter um momento inicial que é seguido de contatos como: vários encontros programados, alguns telefonemas dados, onde o amor é materializado pela escrita de cartas e pequenas viagens são agendadas. Um período em que: “com embriaguez a perfeição do ser amado, quer dizer, a adequação inesperada de um objeto a meu desejo: é a doçura do começo, tempo próprio do idílico” (BARTHES, 2003: 135-136).

A circunstância a que Margor-Marly se refere, parece ser o ápice do entendimento entre os dois amantes, um tempo idílico. Ele, por sua vez, não deixava de, aos modos de 1976 e ainda em 1977, procurar um momento para que eles se encontrassem:

[Margor-Marly] Estive aqui as 7,20 mas você já tinha ido embora. O problema é que eu e o [Marcelo] alugamos um apartamento em S.Vicente. Eu vou hoje e espero que você não fique com raiva. Domingo a tarde ou a noite (...) eu venho buscar você e nós só vamos voltar 4ª feira. Se você puder arraje 300,00 pois estou com pouca grana. não se preocupe eu venho sem falta: [Paulino]. (Sem data)

“E foi. Foi isso mesmo” que aconteceu. Ressalta Margor-Marly, imediatamente, ao lermos o bilhete supracitado. Depois, ela fala sobre alguns bons momentos e um ambiente inesquecível para sua pessoa, mas, sobre isso deixemos que ela mesma conte: “dos lugares bonitos que eu fui... que hoje eu me lembro e eu nunca vou esquecer aquele lugar... Uma coisa bem bonita... num é que é bonita! Eu achei interessante aquele lugar, da gente ir...”.

Quando ela começa a narrar tem certa dificuldade em descrever o ambiente que a seduziu. Então, ficamos pensando: ela iria falar de um fascinante centro urbano, daquela megalópole e de sua impressionante infra-estrutura, dos grandes prédios enfim, mas, que ela possa continuar sua narrativa: “Um monte de árvores, um lugar onde cabe mais ou menos um carro. Ali é assim: como um restaurante, [mas] isolado, sabe? Aí você fica lá a vontade no carro, aí lá...”, “amores?” Perguntamos e ela responde:

É amores. Muito bonito, muito gostoso, muito bom. Eu nunca vou esquecer. Aí, assim, você tá lá no carro aí vem uma garçonete, ninguém vê. [Ela] chega na porta do vidro e bate, aí pergunta: o que é que vocês querem? Bebida. Aí você pede a bebida e ela vem. Assim, como se fosse um restaurante... é uma coisa bonita! Num vou falar agora porque está gravando... Muitas outras coisas, né? Mas, o que eu gostei mesmo, assim, foi desse ambiente. Uma coisa diferente que eu nunca vi aqui no Ceará mesmo! Tanto mato que tem aqui!...(risos)
Entrevistador: E aqui não tinha um ambiente daquele?...
Margor-Marly: Não tem. Assim, porque ninguém vai te ver, ninguém sabe quem é quem, dentro do carro, ninguém sabe!

Como também podemos perceber na narrativa da entrevistada ela fala de algo diferente, comparando com o que antes viveu no Distrito de Custódio, destacando em sua lembrança, não a estrutura de concreto de São Paulo, mas, o anonimato que muito permitia a existência do seu romance com o Paulino, isso, sem cair nas redes de boatos como outrora acontecera com o Flávio no lugarejo onde morava. Assim, ela fala de um espaço arborizado que gostou e diz: “tanto mato que tem aqui” no Custódio, mas em São Paulo é que possível viver, sem “ninguém te ver”, sem necessariamente ser identificado, “ninguém sabe quem é quem”, num grande centro urbano.

Pelas memórias é comum a comparação entre dois momentos diferentes para falar de um estranhamento ou identificação. Assim, se remetem a uma rotina agitada, às multidões, deixando entrever a especificidade do vivido, falam da importância do trabalho, seja em São Paulo ou em Quixadá, e também do que se perde e se ganha com

o anonimato, vivendo fora de sua terra natal, morando em uma grande metrópole. Dessa forma, é que as cidades, enquanto experiências vividas, vão aparecendo por comparação nas memórias dos entrevistados. Margor-Marly, nesse quesito, por suas recordações, não se faz exceção. Voltemos ao Paulino e Margor-Marly...

Até então, pinçamos uma relação amorosa acontecida na segunda metade dos anos 1970, que se apresenta de forma harmoniosa, em meio a cuidados, carinhos e acordos. Com sujeitos compondo cenários que se fizeram aconchegantes, inesquecíveis, paradisíacos talvez e, é bem possível que esses elementos sentidos e vividos pela entrevistada tenham gerado certa atração em sua pessoa por essa cidade; que muito teve como nome: Paulino.

Quando Margor-Marly é perguntada sobre suas lembranças, o que marcou suas idas e vindas, suas viagens a São Paulo, por exemplo, ela relata: “Só saudade de quem ficava lá, de quem ficava aqui”. E essa saudade tem nomes, outrora mesmo bem que poderia ser: Flávio, que esteve em Quixadá, como consta numa missiva, a até pelo menos dezoito de abril do ano 1977; mas também ela poderia chamar-se Flávio Júnior e Paulino, que marcam tempos e contextos distintos podendo representar lugares que “sofrem as refrações da memória [da Margor-Marly], as duplicidades do espelho, as insaciabilidades do desejo” (CALVINO, 1990: s/p). Explicado de outra forma, esses lugares, como seus personagens, são ambíguos e “apresentam sempre uma dupla face, que pode se reduplicar ao infinito” (CALVINO, 1990: s/p). E, as cidades enquanto “símbolo complexo e inesgotável da existência humana” (CALVINO, 1990: s/p) aparecem em sua memória com nomes de pessoas, semelhantes as descritas por Marco Polo em “As cidades invisíveis” de Ítalo Calvino, mas, apenas se distinguindo deste, especificamente, por serem grafados por Margor-Marly com nomes masculinos.

É verdade também que Margor-Marly, ao falar desses lugares, nos contou que ao emigrar pensou em trabalhar para o seu futuro. Após algumas pequenas experiências em trabalhos informais naqueles últimos meses de 1976, ela retorna ao Ceará: “Aí cheguei e voltei de novo pra São Paulo aí arranjei esse emprego aí”; referindo-se ao contrato de trabalho que assinou no dia primeiro de fevereiro do ano de 1977.

De fato, depois dos contatos estabelecidos por conterrâneos seus, já radicados em São Paulo, acerca de possíveis empregos para ela, Margor-Marly veio a ser admitida pela Firma Walkyria Coutinho Spinelli por contrato e a título de experiência a partir do

dia primeiro de fevereiro de 1977 com validade até maio do mesmo ano; podendo ter sido prorrogado. O horário de trabalho que deveria ser obedecido nessa firma, onde ela desenvolveu a função de costureira, era: “de 2^a a 6^a feira das 7,30 às 18,06 com 1 hora p/ ref. E descanso. Sábados livres”, conforme é detalhado no contrato de trabalho que assinou.

Como vimos, antes de assinar esse contrato, ela iria a Quixadá para reencontrar seus familiares e amigos, inclusive, seu filho. Depois de maio o contrato foi prorrogado e ela trabalharia nessa firma até os anos 1980. Mas, até chegarem esses anos, alguns detalhes precisam ser contados.

Mesmo sendo prorrogado o contrato, ela iria voltar ao Custódio no final de Julho de 1977, sem avisar o Paulino, que depois receberia uma carta dela, sequer seu patrão na Walkyria Coutinho. Ela faria isso mais umas cinco vezes até voltar para morar novamente no Custódio nos anos de 1986. Mas, por que mesmo ela voltou definitivamente nesses anos? De fato, sobre essa questão, não trataremos neste momento.

Por enquanto, vejamos o que esse seu retorno, pela segunda vez, sem pedir opinião a ninguém, surtiu na missiva do Paulino: “Quanto a sua volta não posso dar-lhe opinião, voce e quem sabe, talvez voce venha e depois queira voltar, se for assim é melhor ficar air (...)” (09 Ago. 1977). Ele ainda informa que se ela quiser voltar será o mesmo para ela e fará o que for possível para ajudá-la; até mesmo organizando a documentação para que ela pudesse receber o que lhe era de direito pelo tempo que trabalhou.

A relação que Margor-Marly estabeleceu com o Paulino parece ter contribuído bastante para que ela passasse um bom tempo vivendo em uma cidade como São Paulo. Podemos notar sua importância, inclusive, quando constatamos o custeio da passagem para ela retornar de Quixadá. “Vou mandar mil cruzeiros pra voce, procure no bco Brasil 6^o ou 2^o feira...” (24 Ago. 1977).

Apesar do apoio que o Paulino dava à Margor-Marly, sua amiga Cecília, que ouvia suas confidências, sugeriria outros caminhos para ela, como os expressos por uma carta de 22 de julho de 1978, dizendo que não podia falar muita coisa sobre o Paulino, pois, não tinha mais o encontrado em São Paulo, e continua a missiva: “eu só queria que

você esquece ele e poder vir enfrentar a vida aqui sem ele, se um dia isso acontecer eu vou ficar muito feliz”.

O Paulino, por sua vez, avisa em 1978 que recebeu as cartas de Margor-Marly, que novamente se encontrava no Custódio desde julho daquele ano, mas, não tinha sido possível respondê-las antes. Ele, que também foi de férias naquele mês de julho, que o deixou com boas recordações, voltou antes do seu término, pois como informa à sua amada, não foi possível demorar mais: “você sabe o motivo” (15 Out. 1978). Na verdade, não sabemos, exatamente!

Em tal correspondência ele acrescenta à Margor-Marly: “quanto a voce é melhor ficar aí mesmo já sabe como é a luta por aqui você não sida com as obrigações e as regras de um emprego” (15 Out. 1978).

Quando lemos essa carta para a entrevistada, ela relata que: um belo dia saiu da firma para almoçar com o Paulino e atrasou seu retorno ao trabalho, aproximadamente, cinco minutos, e foi chamada sua atenção por essa indisciplina. Se o patrão não gostou, ela diz que também não: “eu só peguei minha sacola, a minha bolsa e fui-me embora. Passei 15 dias sem andar lá”.

Ao ser lida a missiva do Paulino de quinze de outubro do ano 1978, nossa entrevistada, depois de ter falado que foi para São Paulo para conseguir um futuro melhor, que incluía arranjar um emprego, nos conta um pouco sobre as dificuldades que tinha em se adaptar às normas que eram estabelecidas em seu trabalho:

Era assim, porque as pessoas mandavam fazer as coisas e eu num sei ser mandada não. Por que a pessoa é empregada aí vai levar carão dos outros, vai levar repressão sem precisão?! Então eu saia mesmo! Tinha problema não, eu vinha-me embora. Toda vida eu fui assim, e continua a mesma coisa, vou desse jeito, atrevida como toda.

Margor-Marly, no trecho supracitado, recorda um pouco mais das relações estabelecidas num passado e nos faz pensar com alguns detalhes, a constituição de um contexto e, especificamente, uma atração por São Paulo.

Antônio Houaiss e Mauro de Salles ao explicarem os sentidos da palavra “atração”, dizem que, vista pela Física, seria: “força que aproxima dois corpos materiais” (HOUAISS e VILAR, 2008: 74). Já Silveira Bueno, trilhando a mesma linha de raciocínio sobre o termo, também fala de corpos, e mais, da solicitação existente que os aproxima “uns para os outros” (BUENO, 2000: 74). As explicações dos referidos

autores, apesar de poderem ser sugestivas, ao falarem de corpos que se atraem, não saciam, de todo, nossos objetivos com o termo neste artigo. Mas, os autores ainda sugerem outras explicações. Então, que seja utilizada como sinônimo de “simpatia; propensão; divertimento” (BUENO, 2000: 74), ou mesmo, algo que se revela fascinante, que encanta (HOUAISS e VILAR, 2008: 74). Pois bem, assim são feitas algumas considerações sobre a palavra: “atração”, que podem talvez, nos ajudar a pensar o uso do termo neste escrito.

Portando essas informações e diante dos relatos de Margor-Marly sobre sua adaptação na firma, dizendo inclusive que não ia “levar repressão sem precisão”, ainda, sabendo que ela transitou sete vezes, aproximadamente, entre São Paulo e Quixadá, que desenvolvia atividades de forma independente como costureira no Custódio, isso acontecendo, inclusive, depois que ela voltou definitivamente a morar em sua terra natal, e atentando também para os ditos nas cartas que inclui sua, às vezes, incompatível conduta com as obrigações e regras do emprego, pensamos pelas representações, que não era exatamente, ao que nos parece, pelo trabalho que se deu a atração de Margor-Marly por São Paulo.

Na carta de quinze de outubro de 1978, depois de aconselhá-la a ficar definitivamente morando em Quixadá, o Paulino, com uma escrita que sinalizava para o fim de seu romance com Margor-Marly, diz: “Estou com um problema serio! logo saberás o que é”.

Sobre o desfecho dessa história do problema sério que o Paulino expressou pela carta, em entrevista realizada no dia treze de junho de 2009, Margor-Marly nos falou mais alguma coisa:

Eu sei que ele foi fazer um serviço, aí bebeu, ele tomava remédio e nem podia beber, aí foi fazer um serviço lá no carro e começou a suar: suando, suando... a menina desesperada, que aquele suor num era normal! Aí ele se sentiu mal, levaram ele pro hospital... aí, foi embora! Morreu.

Antes dele morrer, ele casaria e seria pai. Hoje, sua primeira filha tem 31 anos e Margor-Marly, 58. Depois do Flávio Júnior seria mãe mais duas vezes. Sobre as suas recordações do Paulino ela diz: “agora eu faço que nem a música: só lembranças”.

Vale ainda dizer que o Paulino casou, mas, não foi com Margor-Marly. O anonimato de uma cidade grande permitiu que por muito tempo eles pudessem se encontrar sem cair em uma rede de boatos como caíra o romance que ela viveu com o

Flávio no começo dos anos 1970, na pequena vila no Custódio antes de emigrar para São Paulo.

Uma outra informação é que a filha do Paulino, de 31 anos, é fruto do seu casamento, jamais fato acontecido com Margor-Marly. Aliás, nas cartas que o Paulino enviava para Margor-Marly sempre houveram ditos que beiravam um enigma, que evidenciaram talvez, em muitos momentos, como sendo ela uma relação extra de seu namoro, e que por isso tinha alguns empecilhos sociais exigindo que o casal mantivesse certa discrição. Às vezes o missivista ressaltava algumas questões para resolver, mas, que não diziam respeito à Margor-Marly: “o outro problema continua comigo (...) entendeu” (09 Ago. 1977). Possivelmente, o Paulino se referia à questão de conciliar sua relação com Margor-Marly estando ele, há algum tempo, namorando outra pessoa. Paulino, em sua primeira carta expõe suas intenções iniciais que eram ter “uns dias” para ele e ela. Depois, ainda diria: “eu gosto de voce e muito mais porque voce mim entende, não pence em infelicidade pois voce só fez-me bem” (24 Ago. 1977).

Obviamente, essa relação não ficou tão discreta e, com o decorrer dos anos, da convivência e de encontros extras, que incluíam viagens à Quixadá, muita coisa mudou ao que se parecia um discreto e desejoso sentimento expresso em sua primeira missiva do dia onze de setembro do ano 1976.

Em 1977, ele, em meio a um desconforto por Margor-Marly ter viajado para Quixadá sem pedir sua opinião, agradece por ela ter lembrado e escrito para ele mandando notícias, e completa, pois, “como sabe não temos compromisso” (09 Ago. 1977). Com tanta liberdade na relação declarada pelo Paulino, Margor-Marly, em uma de suas viagens à Quixadá, começaria a namorar outra pessoa; outro contexto se configurava, mas, isso aconteceu bem depois de uma atração por São Paulo.

Margor-Marly se casou, como já informamos neste artigo, e isso aconteceu tempos depois da carta do Paulino datada de quinze de outubro de 1978. Naquela ocasião ele ainda informa: “Espero que esteja bem com os negócios, com a família e namorado, quanto a mim não posso te oferecer nenhuma condições amorosa... sem mais Abraço... [Paulino]”. Ela, ainda voltaria a São Paulo, mas aqui perdemos os rastros desse romance.

A música a que Margor-Marly se refere, falando de suas lembranças, está localizada em um ponto de convergência e, no momento de sua recordação, ela parece

representar um marco em sua vida, que é o romance que ela viveu com o Paulino, em São Paulo, na segunda metade dos anos 1970. Sua lembrança se dá um pouco depois de contar seu romance com Flávio e antes de nos falar sobre um sôfrego tempo em que viveu em São Paulo, onde ficava sozinha em casa nos últimos meses de uma gravidez: “tempo de ganhar bebê”, em um período que ela denomina como sendo de “muito sofrimento”.

Assim, antes dos relatos sobre um tempo de sofrimento, e depois de falar sobre o Paulino, de um encontro e amores, e também, dos dissabores de um desencontro com ele, hoje, pela música, que se localiza nesse ponto de encontro de lembranças na sua memória (BOSI, 1994), Margor-Marly se traveste, como se fosse o protagonista da história da música “Só lembranças”, para contar e representar o que restou do seu amor pelo Paulino:

Só lembranças, só lembranças/ Só lembranças de alguém que se foi/ E levou minha paz/ Foi tanto amor que eu dei/ E nunca pensei/ Que ela fosse mudar/ Agora só resta esquecer/ Pois não posso viver/ Sempre a lamentar/ Talvez ela seja feliz/ Mas o bem que eu lhe fiz/ Com desprezo pagou/ E partiu deixando tristeza/ E a incerteza de um novo amor/ Só lembranças, só lembranças/ Só lembranças e nada mais.⁹

Por coincidência, ou não, Margor-Marly recorda essa música que foi lançada no ano de 1976, justamente o período em que começa seu romance com o Paulino, que foi vivido por aproximadamente dois anos, em São Paulo.

De fato, não entendemos que a história de Margor-Marly sirva, neste trabalho, como exemplo para se explicar a migração de todos os quixadaenses. Nas entrevistas que realizamos com doze pessoas, que foram para São Paulo e que estavam morando em Quixadá, há mais de três anos, elas nos contaram sobre suas motivações ao emigrarem, que se assemelham as de Margor-Marly, como por exemplo: conseguir um futuro melhor; pelas facilidades de já terem conhecidos seus já radicados em São Paulo, e ainda, para amealhar recursos e depois voltarem à terra natal.

Mas, por outro lado, sabemos que trabalhamos com representações e, em grande medida, com as memórias desses indivíduos que estão abertas “à dialética da lembrança e da amnésia, inconsciente de suas sucessivas deformações” (DOSSE, 2003: 282).

⁹ “Só lembranças”, música de Bartô Galeno. Lançada no ano de 1976 pela Tapeçar LP.

Assim, do que de fato eles recordaram? Um passado atualizado, re-significado no presente, mas também com marcas de experiências de um outrora, que possivelmente, transformou as maneiras de pensar e viver desses indivíduos.

Hoje, os entrevistados narram suas trajetórias e representam-na por um percurso que tem começo, meio e fim por suas narrativas, porém, o cabedal de fontes trabalhadas sobre a trajetória da Margor-Marly nos leva a indagar sobre a própria coerência linear das histórias dos demais, nos conduzindo, pela análise de indícios como as correspondências, a uma aventura que é a tradução de um estranho, o passado, tão complexo, não linear, com idas e vindas ambíguas, marcado por contradições.

Se a vida social de Margor-Marly se assemelha a dos demais entrevistados, que emigraram e retornaram para Quixadá no fim do século XX, podemos contar uma versão dessa história com “verdades possíveis, condizentes e explicáveis pelas fontes, método e teoria” (PESAVENTO, 2000: 232), e ainda, generalizar uma pergunta: por que migraram? Para em seguida, nos aventurar e colher, pela análise dos indícios que nos chegaram, algumas respostas, que não se mostram generalizadas e, sequer podem evidenciar, de forma unívoca, as motivações de uma emigração.

Pelas cartas, partimos em nosso enredo para pensar os antecedentes de uma migração; comparamos e cruzamos as informações contidas nas missivas com as obtidas pelos relatos de memória de Margor-Marly, para pensarmos a construção de um contexto, é verdade. E, através do romance que ela estabeleceu com o Paulino seguimos pensando uma atração por São Paulo.

Margor-Marly voltou para Quixadá em 1986, casada, com mais dois filhos, estando na companhia de seu esposo; deste então mora no Custódio. Mas, o que aconteceu? Por que voltaram?

Entendemos que, a essas questões, Margor-Marly e os demais entrevistados voltarão a tratar, mas, não agora, deixamos isso para um outro momento...

Referências bibliográficas

BARTHES, Roland. **Fragmentos de um discurso amoroso**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas I: Magia, técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BUENO, Silveira. **Silveira Bueno: minidicionário da língua portuguesa**. São Paulo: FTD, 2000.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. Companhia das Letras, 1990. São Paulo.

DOSSE, François. **A história**. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

HOUAISS, Antônio; VILAR, Mauro de Salles. **Minidicionário Houaiss de Lexicografia e Banco de dados da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

LANGUE, Frédérique. Sussurro do tempo: ensaios sobre uma história cruzada das sensibilidades Brasil-França. In: Marina Haizenreder Ertzogue e Temis Gomes Parente. (Org.). **História e Sensibilidade**. 1 ed. Brasília: Paralelo 15, 2006.

MARIA, Dora. Carta de um namorado residente em país estrangeiro. In: **Modelos de cartas de amor: mais de 150 modelos para noivos e namorados**. Editora Tecnoprint. Rio de Janeiro. 1965.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Apresentação do Dossiê**: “História Cultural & Multidisciplinaridade”. Fênix – Revista de História e Estudos Culturais. Dezembro de 2007.

_____. Esta história que chamam micro. In: GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos et. al (org.). **Questões de teoria e metodologia da história**. Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2000.

_____. **História & História Cultural**. Belo Horizonte, Autêntica, 2003.